

CAPÍTULO I

O AUTOR FALA DE SI PRÓPRIO E DA SUA FAMÍLIA — AS SUAS PRIMEIRAS INCLINAÇÕES PARA AS VIAGENS — VÍTIMA DE UM NAUFRÁGIO, SALVA-SE A NADO — A SALVO, NA COSTA DO PAÍS DE LILLIPUT — É FEITO PRISIONEIRO E TRANSPORTADO PARA O NORTE DO PAÍS

O meu pai tinha uma pequena propriedade no condado de Nottingham; eu era o terceiro de cinco filhos. Quando contava catorze anos de idade, o meu pai mandou-me para o Emmanuel College, em Cambridge, onde residi durante três anos, tendo-me aplicado diligentemente aos meus estudos; mas como o encargo da minha manutenção (embora eu tivesse uma reduzida mesada) fosse demasiado elevado para uma parca fortuna, tive de aceitar o cargo de aprendiz do Sr. James Bates, eminente cirurgião londrino, com quem permaneci durante quatro anos; como o meu pai me mandasse, de vez em quando, uma pequena ajuda monetária, eu guardava esse dinheiro para o aplicar na aprendizagem da ciência da navegação e de outros ramos da Matemática, úteis àqueles que tencionam viajar, uma vez que sempre acreditei que, mais tarde ou mais cedo, seria esse o meu destino. Quando deixei o emprego junto do Sr. Bates, fui visitar o meu pai; com a sua ajuda e a do meu tio John e de outros parentes, consegui angariar a soma de quarenta libras e a promessa de um auxílio anual de trinta libras — importância que pagaria a minha manutenção em Leyden, onde, durante dois anos e sete meses, estudei Medicina, sabendo que desses estudos obteria conhecimentos que provariam ser da maior utilidade em viagens longas.

Pouco tempo depois do meu regresso de Leyden, fui recomendado pelo meu bom mestre, o Sr. Bates, para o cargo de cirurgião do *Swallow*, sob o comando do capitão Abraham Pannell, com quem trabalhei du-

rante três anos e meio, tendo feito uma ou duas viagens ao Levante e a outras paragens. Quando regresssei, decidi fixar-me em Londres, no que fui encorajado pelo Sr. Bates, meu mestre, e por quem fui recomendado a vários doentes. Aluguei parte de uma casa pequena no velho bairro judeu e, de acordo com os conselhos recebidos no sentido de mudar o meu estado civil, casei-me com a senhora Mary Burton, segunda filha do Sr. Edmund Burton, vendedor de meias da Rua Newgate, de quem recebi quatrocentas libras correspondentes ao dote de sua filha.

Com o falecimento do meu bom mestre, dois anos mais tarde, e sendo reduzido o meu grupo de amigos, o meu negócio começou a fraquejar; a verdade é que a minha consciência não me permitia imitar as más práticas de muitos dos meus colegas. Tendo, então, consultado a minha mulher e alguns amigos, decidi voltar ao mar. Fui cirurgião, sucessivamente, de dois barcos, e efectuei várias viagens, durante seis anos, às Índias Orientais e Ocidentais, viagens que me permitiram aumentar um pouco a minha fortuna. As minhas horas de lazer eram gastas na leitura dos melhores autores antigos e modernos, tendo sempre comigo um bom número de livros; e quando me encontrava em terra, ocupava-me da observação das maneiras e índoles dos vários povos, assim como da aprendizagem de seus idiomas, no que manifestei grande facilidade devido à minha excelente memória.

Tendo sido pouco afortunada a última destas viagens, comecei a sentir-me cansado do mar, e decidi então ficar junto da minha mulher e família. Mudei-me do antigo bairro judeu para Fetter Lane, e daqui para Wapping, esperançado em estabelecer uma clientela entre os marinheiros, o que não se verificou. Depois de esperar três anos, sem que as coisas manifestassem melhoria, aceitei uma oferta vantajosa do capitão William Prichard, mestre do *Antelope*, prestes a partir para os mares do Sul. Fizemo-nos ao mar partindo de Bristol a 4 de Maio de 1699, e, inicialmente, a nossa viagem foi muito próspera.

Não seria oportuno, por vários motivos, molestar o leitor com pormenores das nossas aventuras naquelas águas; basta informá-lo de que, na travessia para as Índias Ocidentais, fomos impelidos por uma violenta tempestade para noroeste da Terra de Van Diemen¹. Feita uma observação, verificámos que nos encontrávamos na latitude 30° 2' sul. Da nossa tripulação morreram doze homens, devido ao trabalho excessivo e à alimentação deficiente, os restantes encontravam-se num estado de fraqueza

1 Tasmânia. (N. T.)

extrema. No dia 5 de Novembro, princípio de Verão naquelas paragens, os marinheiros descobriram, por entre a espessa neblina que nos rodeava, e a cerca de meio cabo de distância do barco, uma rocha contra a qual fomos embater violentamente, arrastados por um vento fortíssimo. Seis membros da tripulação, em cujo grupo me encontrava, conseguiram lançar o bote ao mar, logrando afastá-lo do barco e da rocha. Remámos, pelos meus cálculos, por umas três léguas, ao ponto da exaustão, visto que as nossas forças haviam sido depauperadas, ainda a bordo, por trabalho excessivo. Então entregámo-nos à mercê das ondas, e cerca de meia hora mais tarde o barco virou-se devido a uma brusca rajada vinda de norte. O que aconteceu aos meus companheiros de bote, assim como aos que escaparam na rocha ou ficaram no barco, não sei dizer, mas presumo que desapareceram. Por meu lado, nadei ao sabor da sorte, impelido pelo vento e pela maré. Frequentes vezes estendi as pernas, sem que sentisse pé; mas quando me encontrava quase perdido e sem energias para prosseguir na luta, encontrei pé, na altura em que a tempestade tinha amainado consideravelmente. O declive era tão reduzido que caminhei cerca de uma milha antes de atingir a praia, o que consegui finalmente, segundo os meus cálculos, por volta das oito horas da noite. Caminhei depois terra adentro numa extensão de perto de meia milha, sem descobrir sinais de casas ou de habitantes; de qualquer modo, encontrava-me num tal estado de prostração, que, se existissem vestígios de ambos, não os teria visto. Sentia-me extremamente fatigado, e esse cansaço, aliado ao calor que fazia e aos efeitos de cerca de meio litro de *brandy* que ingerira antes de abandonar o barco, provocou-me um estado de grande sonolência. Estendi-me na relva, muito curta e macia, onde dormi melhor do que jamais me lembro de ter conseguido, durante perto de nove horas, segundo creio, porque quando acordei já havia nascido o dia. Tentei levantar-me, mas não consegui mover-me; como me encontrava deitado de costas, descobri que tinha os braços e as pernas fortemente presos, de ambos os lados, ao chão; e o cabelo, longo e forte, preso da mesma maneira. Senti também que várias ligaduras delgadas me cruzavam o corpo, das axilas às coxas. Só me era possível olhar para o céu; o Sol começara a aquecer e a luz causava-me dores nos olhos. Ouvi ruídos confusos à minha volta, mas na posição em que me encontrava era-me impossível ver outra coisa que não fosse o céu. Pouco depois, senti que qualquer coisa se movia na minha perna esquerda, e que, avançando delicadamente sobre o meu peito, chegara quase ao queixo; baixando os olhos, tanto quanto me permitia a minha posição, compreendi que se tratava de um ser hu-

mano, com menos de seis polegadas de altura, com arco e flecha nas mãos e aljava às costas. Entretanto, senti que pelo menos quarenta criaturas do mesmo tipo (segundo as minhas conjecturas) seguiam a primeira. O meu espanto não conhecia limites, e gritei com tanta força que todos fugiram espavoridos; alguns, segundo me foi dito depois, ficaram feridos por causa das quedas que sofreram saltando do meu corpo para o chão. Contudo, cedo voltaram, e um deles, que se aventurou a olhar bem para a minha cara (erguendo as mãos e abrindo os olhos em sinal de espanto), gritou numa voz estridente mas clara: *Hekinah degul!* Os outros repetiram, várias vezes, as mesmas palavras, cujo significado então não compreendi. Permaneci, todo este tempo, como o leitor pode imaginar, em grande desconforto; por fim, esforçando-me para me libertar, tive a sorte de conseguir rebentar os cordéis e arrancar as estacas que prendiam o meu braço esquerdo ao chão — pois, levantando-o até à altura do rosto, descobri os métodos de que se haviam servido para me prender — e, ao mesmo tempo, com um puxão violento, que me magoou intensamente, consegui afrouxar os cordéis que me prendiam, do lado esquerdo, o cabelo; consegui assim voltar ligeiramente a cabeça. Mas as criaturas fugiram, pela segunda vez, antes que pudesse agarrá-las, e ouvi então um grande grito num timbre bastante agudo, seguido das palavras *Tolgo phonac*, pronunciadas em voz alta por um deles; num abrir e fechar de olhos, senti para cima de cem flechas desfechadas sobre a mão esquerda, que me deram a sensação de igual número de alfinetadas. Lançaram ainda para o ar nova descarga, tal como, na Europa, lançamos bombas — de que resultou, segundo penso, a queda de muitas flechas sobre o meu corpo (ainda que não as tivesse sentido) e algumas no meu rosto, que imediatamente protegi com a mão esquerda. Terminada esta tempestade de flechas, gemi com aflição e dor; nessa altura, como tentasse de novo libertar-me, descarregaram nova torrente de flechas, maior do que a anterior, e alguns deles tentaram ferir-me de ambos os lados com lanças, mas por sorte eu vestira um gibão de pele de búfalo demasiado espesso para que conseguissem perfurá-lo. Pensei que seria prudente manter-me imóvel, e era minha intenção permanecer assim até que a noite chegasse, quando, com a ajuda da mão esquerda — já liberta —, poderia facilmente desenhencillar-me; quanto aos habitantes, tinha razões para crer que poderia enfrentar o maior dos seus exércitos, se se compusesse de homens de tamanho semelhante ao dos que agora me rodeavam. Mas o destino reservava-me outros desígnios. Quando todas aquelas criaturas observaram que estava quieto, não desfecharam mais flechas; mas, pelo ruído que chegava até

mim, sabia que o seu número aumentava, e a cerca de quatro jardas de distância, acima do meu ouvido direito, escutei, durante mais de uma hora, o barulho de marteladas, como se muitas pessoas estivessem a trabalhar; voltando a cabeça naquela direcção (tanto quanto me permitiam as estacas e os cordéis), vi uma plataforma, erigida a uma altura de cerca de pé e meio do chão, capaz de suportar o peso de quatro habitantes, com duas ou três escadas por onde subiam, e dela um dos habitantes — que parecia uma pessoa distinta, — dirigiu-me um longo discurso, de que não compreendi uma única sílaba. Esquecia-me de mencionar que antes de a tal pessoa ter principiado a sua oração, gritou três vezes: *Langro debul san!* (estas e as palavras anteriormente citadas foram-me, mais tarde, repetidas e explicadas). Imediatamente a seguir, cerca de cinquenta habitantes vieram cortar os cordéis que prendiam o lado esquerdo da minha cabeça, o que me deu a liberdade de voltá-la para a direita e de observar o aspecto e gestos da pessoa que me iria dirigir o discurso. Pareceu-me ser de meia-idade e mais alto do que qualquer dos outros três que o acompanhavam, um dos quais um pajem que lhe segurava a cauda e que parecia pouco maior do que o meu dedo médio; os outros dois colocaram-se, um de cada lado, junto do que falaria. Portou-se exactamente como um orador comum, e distingui no discurso muitos períodos ameaçadores e outros de promessas, piedade e bondade. Respondi em poucas palavras, mas num tom altamente submisso, erguendo a mão esquerda e os olhos para o Sol, como se o invocasse como testemunha e, sentindo-me faminto, pois não comera fosse o que fosse desde que abandonara o barco, sentia as exigências da Natureza tão fortes em mim que me era impossível deixar de demonstrar a minha impaciência (talvez contra as estritas regras das boas maneiras), apontando frequentemente o dedo na direcção da boca, para indicar que precisava de alimentos. O *Hurgo* (assim chamam eles a um grande senhor, como mais tarde aprendi) compreendeu-me perfeitamente. Desceu da plataforma e comandou que várias escadas fossem encostadas ao meu corpo, de ambos os lados, e de que se servissem mais de cem habitantes, que as subiam e depois caminhavam pelo corpo até à minha boca, carregados de cestos cheios de carne, fornecidos e enviados por ordem do rei, logo que fora informado do meu pedido. Verifiquei que havia carne de vários animais, mas não consegui distingui-los pelo sabor. Havia pães, pernas e lombos do mesmo formato dos de carneiro, bem preparados e temperados, mas menores do que as asas de uma cotovia. Ingeri-os ao ritmo de dois e três de cada vez, e igual número de pães a cada trago, pães que eram do tamanho de balas de mosquete. Alimentaram-